

MANTENHA FORA DO ALCANCE DO BEBÊ

Silvia Gomez

SILVIA GOMEZ nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1977. É jornalista, dramaturga e roteirista, autora das peças teatrais *Mantenha fora do alcance do bebê* (ganhadora dos prêmios APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte, na categoria de melhor dramaturgia, e Aplauso Brasil, em 2015), *Neste mundo louco, nesta noite brilhante* (indicação ao Prêmio Shell paulistano, na categoria melhor dramaturgia, em 2019), *A Árvore*, entre

outras. Suas peças foram traduzidas para o alemão, espanhol, francês, húngaro, inglês, italiano, mandarim e sueco, tendo sido encenadas e lidas em países como Argentina, Bolívia, Colômbia, Escócia, Espanha, Hungria, Inglaterra, México e Portugal. Desde 2017, dá aulas de dramaturgia em instituições como o Centro de Pesquisa Teatral (CPT-SESC) e o Núcleo de Dramaturgia SESI-SP.

MANTENHA FORA DO ALCANCE DO BEBÊ

Mantenha fora do alcance do bebê foi escrita em 2007, mas estreou somente no dia 12 de junho de 2015, às 21h, na Sala Jardel Filho, abrindo a primeira edição da “Mostra de dramaturgia em pequenos formatos cênicos” do Centro Cultural São Paulo (CCSP), na qual foi premiada. A montagem teve direção de Eric Lenate e, no elenco, Débora Falabella, Anapaula Csernik, Jorge Emil e Diego Dac. A encenação fez ainda outras temporadas em São Paulo e no Rio de Janeiro. A dramaturgia foi indicada ao Prêmio Shell e venceu os prêmios APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e Aplauso Brasil, no mesmo ano. Também em 2015, a peça teve leitura na Escócia como parte do projeto Curioso, residência de dramaturgia e intercâmbio cultural Brasil-Escócia organizada pelo Playwrights’ Studio em parceria com o British Council.

SINOPSE

Uma mulher é entrevistada por uma profissional como parte de um processo de adoção de um bebê. Porém, durante a conversa, as coisas fogem de controle. Fora dali, uma superpopulação de lobos toma ruas, calçadas e linhas de metrô.

PERSONAGENS

Uma **Mulher (1)**. Ela é elegante em seu vestido vermelho de bolinhas. Está sempre se coçando.

Outra **Mulher (2)**. Usa um terninho sem personalidade. Parece mais velha do que de fato é.

Rubens, marido da **Mulher 1**. Veste calça social e colete sobre camisa — sua roupa lembra modelos antigos de alfaiataria. Já passou dos 50 anos. É alguém exausto.

Há um lobo amarrado em um dos cantos (ou um lobo holográfico circula pelo palco).

CENÁRIO

Uma espécie de escritório de uma repartição pública. Há uma mesa e três cadeiras, um telefone separado ao fundo. Vemos ainda um orelhão num plano paralelo (**Rubens** permanece de pé ao lado dele durante toda a Cena 1, como se esperasse seu momento de entrar em cena).

Atrás da mesa, a **Mulher 2** entrevista a **Mulher 1**. No início, a entrevistadora raramente desvia os olhos da papelada (sem prestar atenção na outra).

CENA 1

As duas estão sentadas, num silêncio constrangedor. A Mulher 2 analisa friamente o monte de papéis espalhados sobre a mesa. Nunca olha para a outra. Ouvimos longe uma gargalhada contagiante e gritinhos de bebê. A Mulher 1 se levanta de repente e vai até a porta de entrada para escutar (tenta descobrir de onde vem o som).

Mulher 2 sempre sem tirar os olhos da papelada: Por favor, senhora.

Mulher 1: Está ouvindo?

Mulher 2: Sente-se. Vamos começar.

Mulher 1: Uma risadinha gorda.

Mulher 2: Por favor.

Mulher 1: Não te perturba?

Mulher 2: Temos 45 minutos.

Mulher 1 volta a sentar-se. Silêncio e constrangimento. Tempo.

Mulher 1 *tentando romper o silêncio, puxa qualquer assunto:* Ele já vem com roupinhas?

Mulher 2: Como?

Mulher 1: Ele já vem com roupinhas?

Mulher 2: Não.

Mulher 1: Por que não?

Mulher 2: Porque é um bebê.

Mulher 1: Ah, sei. *Pausa.* Eu estava brincando, era para você rir, você não vai rir?

Mulher 2 *sem prestar atenção ao que ela diz:* Então, você é estilista, você faz roupas, é isso, a sua profissão?

Mulher 1: Eu desenho, quer dizer, eu acho que eu desenhava as roupas para as pessoas, sabe, acho que é isso que eu fazia.

Mulher 2: Fazia?

Mulher 1: É, eu estou dando um tempo.

Mulher 2: Um tempo?

Mulher 1: É, mas não se preocupe.

Mulher 2: E qual é a sua fonte de renda, quero dizer, se você está dando um tempo, como você diz, então você está vivendo de quê?

Mulher 1: Ah, isso... Não se preocupe, sabe, pode pesquisar meu nome, meu nome aí na ficha, pode pesquisar na internet se quiser também, você vai entender o que eu estou dizendo.

Mulher 2 fica um tempo absorta, folheando a papelada sem dizer nada. Longo silêncio constrangedor. Outra risada de bebê ecoa. Mulher 1 faz menção de levantar-se, mas desiste.

Mulher 1 num impulso, tenta romper o silêncio e fala qualquer bobagem: Então, ele já deve vir com alguma roupa, eu imagino.

Mulher 2 não responde. Outra risadinha de bebê. O som parece perturbar a Mulher 1, que começa a falar qualquer coisa por impulso.

Mulher 1: Uma roupa qualquer, algo bem combinado... Não avisaram a ele?

Mulher 2 respondendo, enfim: Como é?

Longe, um bebê existe.

Mulher 1 perturbada pelo som: Ele já vem com roupinha?

Mulher 2: Ah, sim, quero dizer, ele virá vestido com alguma coisa, você sabe, qualquer coisa que encontrarem.

Mulher 1: Vai ser homem, não é?

Mulher 2: Por favor, mal começamos.

Mulher 1: Pode ser uma blusa listrada com uma calça lisa. Tons de caramelo.

Mulher 2: Como?

Mulher 1: A calça deve ter o mesmo tom das listras da blusa, fica bom assim. Se ele gostar, pode calçar tênis, eu não me importo.

Mulher 2: Os bebês não se vestem sozinhos.

Mulher 1: Ele não acompanha uma mala?

Mulher 2: O sexo, isso ainda não está decidido.

Um bebê, longe. O som confunde cada vez mais a Mulher 1.

Mulher 1: Quero dizer, como nos kits prontos...

Mulher 2: Kits?

Mulher 1: ... Você sabe, como nos pacotes completos que prometem a viagem, o café da manhã, a hospedagem ou o hambúrguer, o refrigerante 500 ml e as batatas fritas.

Mulher 2: Não vendemos pacotes turísticos.

Mulher 1: Vocês não avisaram a ele?

Mulher 2: Olha, não temos tempo para esse tipo de conversa, tudo bem?

Um bebê ri, longe.

Mulher 1 *cada vez mais perturbada pelo som:* Não disseram a ele como as coisas acontecem por aqui...?

Mulher 2: Atendemos uma média de 120 pessoas por mês...

Mulher 1 *continua o raciocínio:* ... Não avisaram a ele que aqui as pessoas precisam se vestir adequadamente, que precisam tomar banho e escovar os dentes ou mesmo dizer “bom dia”, “obrigado” e também “imagina, não foi nada” quando esbarram em você... Sabe... Espero que ele já venha com conhecimentos sobre esse tipo de coisa.

Mulher 2: É que nós...

Mulher 1: Porque se vocês não avisaram nem isso a ele, imagine quando ele souber do resto... Se vocês não costumam explicar o mínimo, não sou eu quem vai dizer sobre todo o resto.

Mulher 2 *interrompe, sempre sem dar muita atenção ao que a outra diz: Olha, nós providenciamos tudo adequadamente, é o nosso trabalho. Por que o seu marido não veio com você? Ela consulta sua papelada.* Rubens Carvalho, RG 456789000, não fuma, não tem antecedentes criminais, faz caminhadas aos domingos...

Mulher 1: Porque se ele não sabe nem que precisa se vestir adequadamente, não sou eu quem vai contar a ele sobre como as pessoas são ou sobre as ilusões que nos ocorrem todos os dias ou ainda sobre coisas como os falsos amigos, a questão da grana e o aquecimento global...

Mulher 2 *não parece ouvir, está concentrada na papelada: ...* Paga as contas em dia, nunca teve o nome registrado no cadastro do Serasa, declara o imposto de renda com pontualidade, CPF regular, gosta de plantas.

Longe, um bebê ri.

Mulher 1: Também não vou dizer a ele sobre aquele momento na vida em que você percebe que não é muito diferente disso, sabe, a vida que você imaginava e a vida que acontece para você, imagina o que ele vai sentir quando souber de tudo, de tudo, imagine quando ele souber que existem lobos selvagens circulando por aí.

Silêncio. Mulher 2 olha pela primeira vez nos olhos da Mulher 1.

[...]